

## 2. Se quer a paz, procure a verdade

Com a citação do Salmo 33 – “Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes? Guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram a falsidade. Afasta-te do mal e faze o bem, procura a paz e segue-a” (Sl 33,13-15) – São Bento nos faz compreender imediatamente que a procura constante e fiel da paz tem como dois pulmões: o do desejo de uma vida feliz e o da busca pela verdade.

Todos reconhecem facilmente que desejam uma vida feliz, mas nem sempre se compreende que esse pulmão não respira bem se aquele da busca da verdade não funciona ou fica inativo. Seria como se quiséssemos respirar sem ar, sem aceitar que precisamos do ar que está fora de nós para respirar.

São Bento nos faz compreender que para respirar a vida e a alegria, e se quisermos respirar a paz, devemos aceitar respirar a verdade.

O que isto significa?

Em todas as situações pessoais e comunitárias em que se perdeu a alegria e a paz, e também a vida em Cristo, percebo que o verdadeiro problema é sempre que se perdeu o contato com a verdade, o amor à verdade, o reconhecimento da verdade. Vamos tentar entender. De que verdade se trata? Por que se perde o contato com ela? Isto é importante de compreender especialmente para não perder a verdadeira paz. A experiência ensina-nos que muitas vezes, quando se perde a paz, isso não se deve principalmente ao fato de se perder o amor, mas parte do fato de se perder a verdade, a verdade sobre Deus, sobre os outros e sobre si mesmos.

A serpente, de fato, arruinou a relação de amor do homem com Deus a partir da mentira, usando a mentira, corrompendo a verdade entre Deus e Adão e Eva:

«A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher: “É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?” A mulher respondeu-lhe: “Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais’.” “Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”.» (Gn 3,1-5)

A própria Eva, depois do pecado, reconhecerá: “A serpente me enganou” (Gn 3,13).

Compreendemos então que a advertência que a Regra retira do Salmo 33 – “Guarda a tua língua de dizer o mal e que teus lábios não profiram a falsidade” – tem raízes profundas, ou melhor, chama-nos a ir às raízes daquilo que destrói em nós e entre nós a unidade e a paz. Lembra-nos que de uma forma ou de outra é sempre possível que nos deixemos enganar pela serpente que desde o início tenta destruir a comunhão com Deus e a comunhão entre nós, insinuando mentiras, tornando-nos transmissores de mentiras uns para os outros.

Quando Eva ofereceu o fruto proibido a Adão, ela o fez transmitindo-lhe a mentira sobre Deus e sobre si mesmos que recebeu da serpente.

Desde então, a humanidade perdeu a paz, porque a mentira destrói o amor fraterno. Também Caim matou seu irmão Abel porque se deixou habitar pelo falso pensamento de que Deus não o amava como amava Abel. O ciúme entre irmãos e irmãs é sempre o fruto de uma mentira que nos remete à primeira mentira contada pela serpente a Eva e que poderíamos expressar assim: “Deus não vos ama verdadeiramente. Deus não quer que se tornem como Ele. Deus tem ciúmes de vós. Deus tem segredos que quer guardar só para si, para dominar-vos.” Simplificando, a grande mentira da serpente aos primeiros pais é: “Deus não é Pai!” E desta mentira fundamental surge necessariamente outra: “Nós não somos irmãos e irmãs!”.

Mas se para procurar a paz na comunhão fraterna é necessário escolher a verdade, então é importante compreender o que é a verdade. Quando Pilatos fez a Jesus a sua famosa pergunta, sem esperar pela resposta: “O que é a verdade?” (Jo 18,38), ele não percebeu que Jesus já lhe havia respondido.

«Perguntou-lhe então Pilatos: “És, portanto, rei?” Respondeu Jesus: “Sim, eu sou rei. É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz”. Disse-lhe Pilatos: “Que é a verdade?”.» (Jo 18,37-38)

Pilatos não entendeu, ou não quis entender, que a verdade há disse Jesus, que a verdade agora é Cristo, o Verbo de Deus encarnado que nos fala. A Palavra de Cristo é agora para nós e para todos a verdade total, a verdade de tudo e de todos.

Jesus disse que veio ao mundo precisamente por esta razão: para “dar testemunho da verdade”. N’Ele e por meio d’Ele, a infinita verdade de Deus com toda a verdade sobre o homem nos é oferecida, se apresenta a nós, em forma de testemunho.

O que quer dizer isto? Que acolhemos a verdade só se acreditamos no testemunho de Jesus. E o que significa acreditar num testemunho? Significa confiar que o que a testemunha nos diz é verdade. A verdade é uma questão de confiança em Jesus Cristo, uma questão de fé n’Ele. Pilatos não acolheu a verdade porque não acolheu Jesus e a sua palavra com confiança. Continuou a duvidar d’Ele. Tinha medo de que o que Jesus dizia fosse verdadeiro, mas não quis ouvi-Lo mais do que os gritos da multidão de Judeus que gritavam mentiras sobre Ele e pediam para crucificá-lo.

Mas esqueçamos Pilatos, que era pagão, e pensemos em nós mesmos. Podemos perguntar-nos: estamos realmente convictos de que a verdade para nós é o que Jesus nos diz, é o seu testemunho sobre o Pai? E se sim, escutamos verdadeiramente Jesus, escutamos verdadeiramente o Evangelho, para acolher a verdade e viver nela?

Parecem perguntas óbvias, mas, se somos honestos, devemos admitir que nem sempre ouvimos Jesus com humildade e atenção, sedentos de verdade.

Muitas vezes, olhando para a nossa vida pessoal ou para os problemas das comunidades, temos que admitir que estamos escutando outro diferente de Jesus, algo diferente do Evangelho. Escutamos a serpente, o diabo, isto é, o “divisor”, o tentador que nos atrai ou nos prende em interesses, desejos, paixões que nada têm a ver com o Reino de Deus que Cristo veio nos anunciar e estabelecer no mundo.

Muitas vezes somos atraídos mais pelos nossos interesses individuais do que pelos de Cristo, pelos da comunidade, ou pelos da Ordem e da Igreja.

Esta tentação sempre existiu na Igreja, e mesmo entre os primeiros discípulos de Jesus. Viviam com Ele, ouviam-no falar durante horas e horas, anunciar o Evangelho sem cansar-se, e ouviam as explicações do Evangelho, por exemplo das parábolas, que Ele dedicava especialmente a eles. O escutavam, mas muitas vezes era como se não estivessem ouvindo, não prestassem atenção. Porque logo depois, viviam ainda como antes, determinados pelas velhas tentações, como se Jesus não tivesse falado. Também eles precisaram vê-lo morrer e ressuscitar, e depois experimentar o Pentecostes, para perceber que a Verdade era somente a palavra e o testemunho de Cristo, e que por isso a ela era necessário prestar a maior atenção. O Novo Testamento nasceu desta consciência que atingiu os Apóstolos depois da morte, ressurreição, ascensão ao céu de Jesus. O dom do Espírito Santo de Pentecostes veio confirmar e selar esta consciência que se tornou o núcleo e a fonte de toda a tradição da Igreja.